

**Quatro dias
na vida de Joel**

Victor Figueiredo Souza Vasconcellos

**Quatro dias
na vida de Joel**

#profissa


oficina

© Victor Vasconcellos, 2019

© Oficina Raquel, 2019

Editores

Raquel Menezes

Evelyn Rocha

Luis Maffei

Revisão

Oficina Raquel

Capa, projeto gráfico e tratamento de imagens

Leandro Collares

Imagens da capa

Polaroid Frame - Nathanael Arias

Flex Lines Backgrounds – GarryKillian

Fotografia de capa - Freepik.com

DADOS INTERNACIONAIS PARA
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Vasconcellos, Victor. Quatro dias na vida de Joel. Victor Vasconcellos – Rio de Janeiro : Oficina Raquel, 2019.

184 p. 13 cm x 18 cm.

ISBN 978-85-9500-045-2

1. Ficção 2. Narrativa Brasileira

CDD 808.899282



oficina

www.oficinaraquel.com.br

@oficinaeditora

oficina@oficinaraquel.com

#profissa

Adolescência e Trabalho numa coleção potente

Adolescência, essa fase tão complexa pela qual todo indivíduo passa, é um misto de dor, alegria, angústia, autoconhecimento e contradições. Se já não bastassem todas as transformações físicas e psicológicas vividas pelos sujeitos, é também a fase em que a sociedade estabelecida determina: chegou a hora de escolher a profissão! Nesse sentido, a pergunta quase lúdica que nos é feita quando criança – “O que você quer ser quando crescer?” – toma ares de verdade e determinação: é chegada a hora de escolher o que vamos “querer ser”, ainda que não tenhamos crescido de todo ainda.

Em #profissa, o leitor vai acompanhar esse dilema tão fundamental no cotidiano adolescente a partir de narrativas absolutamente tocantes. São histórias com as quais certamente cada um de nós nos identificamos, pois passaremos ou passamos por situações semelhantes vivenciadas pelas personagens. Esse, aliás, é um elemento importante da série: em todos os livros, os autores optaram por contar as histórias “do lado de dentro”, quer dizer, a partir da ótica dos jovens. Sem que, necessariamente, essa opção narrativa passe pelo uso da 1ª pessoa do singular, certo é que podemos notar com clareza que os autores adotam uma relação empática com os adolescentes em questão. Desse modo, ainda que as angústias do cotidiano insistam em visitar as personagens,

o tom realista dado aos textos em nenhum momento apela para a dramaticidade ou a pieguice. Pelo contrário, em #profissa, os leitores encontrarão histórias de adolescentes nas quais o drama maior é ditado pelos fatos que povoam o dia-a-dia das personagens: o amor perdido, a relação complicada com os pais, as dificuldades financeiras, o enfrentamento de preconceitos.

A série #profissa, portanto, trata de profissões, mas trata também de vida. E, como já dizia Gonzaguinha, “vida é trabalho”.

Boa leitura!

Jorge Marques,
curador da coleção #profissa



Capítulo 1

Ao olhar para a pele que saía no canto de sua unha no dedo médio de sua mão, Joel tinha esperanças de que aquele seria o gatilho da dor procurada. Sabia que aquilo arderia um pouco mais tarde, no momento da esfoliação, no banho, e, por isso, se agarrou à ideia de que, então, sofreria e poderia superar a dor que ainda nem tinha vindo. Pegou o maço de cigarro que havia comprado e colocou o polegar em cima do B: "Maloro", "mal", "oro", pensou em algum jogo de palavras que o acalmasse, mas nada veio. Tossiu mais uma vez, a quinta, e ainda estava em seu primeiro cigarro. Seu pai havia saído de casa e Joel sabia que alguma hora a dor sairia incontrolável. O grande problema: até ali, desde o dia anterior, Joel não sentia nada. Só o incômodo da fumaça do cigarro. Essa pele do canto da unha poderia ser a solução, se não fosse tão pequena e se ele já não tivesse 18 anos, idade suficiente para saber que nenhuma cutícula o salvaria da depressão, esse animal que o assustou durante toda a vida.

Levantou-se, foi até o fundo do bar, jogou o cotoco do cigarro no chão. Lavou a mão, sentiu a pele arder um pouco. Olhou os poros do rosto. Alguns pontos pretos. Não era bonito nem feio. Nem demasiadamente branco ou negro, rico ou pobre. Existia. Olhou para o ralo, viu um tufo de cabelo. Pensou imediatamente que aquilo era nojento e ridículo e pensou também que sua primeira noite de cigarro e bebida sofrendo, na verdade, era um evento patético num bar do Centro do Rio de Janeiro, um evento pago com dinheiro

dado por ela e que sua dor mais profunda tinha sido uma cutícula arrancada, que seu contato visual mais demorado, naquela noite, tinha sido com aquele tufo de cabelo asqueroso, e que seu pensamento mais profundo era de que existia. Cuspiu na pia e esperou o cuspe escorregar até o ralo e bater no tufo de cabelo. Era nojento mesmo e não sentia nada. Desistiu. Deu meia volta, olhou ao redor, viu duas mulheres altas e lindas, encarou com alguma esperança. Nada. Saiu do bar. Olhou em volta. Olhou para o céu. "Talvez a poesia me salve", pensou. Gostava das aulas de Literatura, quando havia só interpretação de textos legais. Os únicos versos que vieram foram os dois primeiros de "Há tempos", do Legião: "Parece cocaína,/ mas é só tristeza". Não havia nada. Lembrou que não conhecia nenhum poema, versos mínimos, de cabeça. Olhou para a ponta do sapato e chutou uma tampinha de cerveja para o meio da rua. O carro passou por cima e amassou a tampinha. Ouviu uma risada alta familiar. Olhou para trás e, na esquina depois dos arcos, viu a garota nova do 1º ano bêbada. Ela tinha chegado ontem e ficou rindo para todos. Não deu importância. Precisava sofrer, amplificar tudo para a dor passar. Na verdade, odiava ter que passar por isso, ainda mais em seu ano de Enem. Por isso, era fundamental acelerar o processo de dor, para superar logo. Concentrar-se na sua escolha.

Andou até a esquina contrária ao riso. Aquele riso era irritante. Sacudiu sua cabeça e tentou se concentrar em sua cutícula. Era ridículo aumentar a dor a partir daí. O problema é que sabia que a dor

viria. Desde o seu primeiro término de namoro, sabia que tinha que sofrer e, quanto antes sofresse, melhor. No ano de seu vestibular era sacanagem. Entendia os motivos dele, é claro que entendia, ou queria entender. As coisas, em casa, estavam insuportáveis há, pelo menos, cinco anos, após outros cinco anos somente ruins. Ela não saía da cama, em alguns dias da semana. Não havia nada que seu pai fizesse ou propusesse: viagem, show, churrasco. Ela só respondia com a voz grave e o olhar perdido, algum muxoxo incompreensível que dizia tudo: não faríamos nada. Era impossível algo além do abandono, da partida dele. Era óbvio demais, mas no ano em que ele não fazia a menor ideia do que escolher, era difícil demais.

A voz estridente da Caloura novamente o irritou. Que insuportável era aquele grito no meio da solidão. Deu um pique e chegou à outra esquina. Viu um travesti e o mau humor diminuiu, se equiparou ao estranhamento. Pegou o celular para ver se alguma mensagem o salvava daquela solidão. Nada havia. Umas nuvens baixas percorriam a Mem de Sá. Ele não estava à vontade ali, era a primeira vez. Decidiu voltar para casa. Sentou e resolveu esperar o ônibus. Aquelas duas doses estavam pesando um pouco em sua cabeça. Ele teria que voltar, entrar em casa e sentir aquele ar sombrio, aquele ar que drenava suas energias e o deixava incapaz de escolher qualquer caminho que não fosse a sobrevivência. Um casal bêbado discutia alto em uma rua deserta. A mulher gritava de maneira estridente e o homem só ria. Caos, mas algo que poderia muito bem ser a representação do ambiente de sua casa.

Viu seu veículo, levantou e estendeu o braço. Ele pesou, assim como pesou subir os degraus e olhar todos com cara de zumbis. Mexeu no bolso e tirou as notas amassadas antes de o ônibus arrancar de modo assassino. Havia uma garota bonita ali. Encarou, mas não obteve resposta. O olhar dela estava perdido. O decote era chamativo, mas não havia chance de contato visual. Sentou em cima da roda e o primeiro buraco o fez pular. Não entendia por que sempre escolhia aquele lugar. Olhou pela janela e percebeu que já estava no Estácio! O motorista era mesmo um assassino, um psicopata que tinha que ser detido. O vermelho das paredes da escola de samba o lembraram sangue. Olhou novamente e viu um homem urinando na parede da escola, tossindo. Na praça, um cachorro corria até a esquina e voltava. Sentiu vontade de gritar "mijão", mas um tranco do motorista louco o impediu e a sensação de nada o anestesiou. Viu então aqueles prédios antigos e pensou em quantos assassinatos já não tinham ocorrido ali. Rapidamente o ônibus chegou à Tijuca e ele viu as praças desertas e os meninos negros daquele lugar. Todo o ar fantasmagórico que aqueles garotos conferiam ao lugar o lembraram de sua própria solidão e de sua falta de escolhas. Já não teria dinheiro para fazer PUC, por exemplo. Precisava ver onde ele iria para planejar sua escolha. Se ele pudesse, faria Música e Design de jogos ou Desenho Industrial voltado para a computação. Pensou que Guitar Hero, na verdade, era o elo de suas duas profissões. Riu daquilo e lembrou-se de GTA V, Call of Duty, os tiros, ah, os tiros. Gostaria de, naquele momento,

jogar videogame no telão do Maracanã ao seu lado. Essa ideia absurda o animou um pouco, até a parada brusca do ônibus assassino em frente ao sinal da Uerj. Lembrou, então, que ali ficava a famosa Faculdade de Direito. Direito era o tipo de carreira boa apenas em tese. Pensava naqueles advogados de filme, tão articulados, espertos, confiantes. Olhou para a sola do seu sapato e percebeu que algum cachorro havia construído uma armadilha nas ruas da Lapa. Aquela imagem definitivamente acabou com as chances do Direito em sua vida. Além do mais, aquele prédio era feio, cinza, apesar de achar que aqueles bares em frente renderiam belas histórias, engraçadas como os casos do seu tio, que pegou geral na faculdade. A imagem de seu tio e de seu pai, juntamente com a visão da Mangueira, jogaram a consciência de Joel de volta para o pensamento de que aquela leveza era essencialmente enganosa. Havia, na partida de seu pai, pólvora capaz de fazer nascer dentro dele aquele demônio, o mesmo demônio que habita sua mãe. Tinha gostado daquela expressão que havia encontrado na internet quando pesquisara sobre depressão: “demônio do meio-dia”. Odiava mesmo era o olhar da sua mãe e a sensação de que aquilo sugava as energias dele. Como ele iria, então, escolher a profissão de sua vida, se ele não tinha energia para sobreviver ao seu dia a dia de escola técnica? Já sabia que o técnico tinha ido para o saco. Não é que não gostasse de Matemática. Esse era inclusive um clichê falso. Matemática é, na verdade, a melhor parte de qualquer curso de exatas. Ela era previsível, óbvia e até divertida,

quando minimamente entendida. O problema das ciências exatas sempre foi o dilema de como viver com isso por oito horas por dia. Não podia fazer medições, soldar fusíveis e planejar circuitos por, pelo menos, oito horas por dia e durante cinco dias na semana. Tempo livre era uma variável importante. Como jogar o GTA X quando ele viesse? Como fazer a quantidade de sexo que ele com certeza faria aos 26 anos se trabalhasse durante oito horas por dia em uma profissão essencialmente masculina? Provavelmente ganharia algum dinheiro, mas sabia que estaria vendendo seu tempo. Lembrava-se sempre de uma frase de *Cidadão Kane*, aquele filme obrigatório para cinéfilos, porque espantava quem não fosse: "não é difícil ficar rico se esse é seu único objetivo na vida". O filme era chato, mas havia entendido desde então que a principal variável em jogo não era dinheiro. Era tempo.

A 24 de Maio estava escura como sempre, vazia como nunca. Parecia a versão suburbana de filme de velho oeste. Joel não gostava desses filmes, mas a imagem e a metáfora eram boas demais. O supermercado que havia ali estava fechado e com as portas completamente pichadas. Uma visão que logo se transformou em vulto com a gana homicida do motorista Taz-Mania. O viaduto próximo a Sampaio surgiu e logo dava para perceber que ali o perigo anda de mãos dadas com a normalidade. Três senhoras de aproximadamente 50 anos desciam o viaduto deserto e escuro rindo alto e de maneira despreocupada às 3h15 da madrugada de uma segunda! Como seria possível? Padaria!

Joel sabia que aquelas mulheres deveriam trabalhar em alguma padaria para estarem saindo naquele momento. Enquanto a imagem de uma padaria genérica brilhava, o ônibus apostava corrida com o trem imaginário. Costear a linha do trem já conferia mais familiaridade aos olhos de Joel. Ele já não sentia mais o ar pesado de antes. Graças à pressa diabólica do motorista, a sensação de pertencimento tinha chegado em poucos minutos. Isso o fez pensar em como o Rio de Janeiro não era de forma alguma a cidade do encontro. As diversas vezes em que a cidade falsamente o chamava para um lugar de sensações desconfortáveis eram a prova de que a cidade maravilhosa deveria ser conhecida como cidade armadilha. A 24 de Maio, a sua casa, a sala 5 do cinema de Botafogo na Rua Voluntários da Pátria e a praia de Ipanema eram seus quatro locais favoritos na cidade. Se bem que praia era discutível, talvez fosse só mais um clichê absorvido inconscientemente.

Ao subir a 24 de Maio na altura da Lins de Vasconcelos e pegar sua retenção onipresente, Joel percebeu o quanto estava cansado, o quanto seu corpo pesava e o quanto isso tudo iria acabar com sua disposição na aula de Geografia na manhã seguinte. Aquelas grades no muro, que serviam como fronteira entre a pequena calçada e a linha do trem, conferiam sensação de familiaridade. Ele gostava do som do trem. Gostava também de andar em trens. Era sempre um tipo de solidão agradável, assim como a do ônibus vazio sem engarrafamento. As luzes da estação tornavam aquela

parte do Méier amarela e fizeram Joel lembrar o momento em que leu a mensagem de seu pai:

Meu filho, deu para mim. Estou saindo de casa e vou para algum lugar. Te ligo quando chegar. Você sabe que eu tentei de tudo. Segura as pontas por enquanto. Depois conversamos.

A mensagem fez também com que ele sentisse novamente aquele fosso dentro da barriga. O pai era a tábua de normalidade em sua casa. Não havia outra forma de lutar contra aquela areia movediça. Depois daquilo, saiu da praia e foi direto para casa. Olhando pela janela e vendo a apresentação feminina de Jongo do Leão, Joel se lembrou já, naquele dia, durante a tarde, da tentativa de desentocar a dor. Não podia perder tempo no ano. Essa era a única forma de poder escolher com a cabeça mais equilibrada. O problema é que de novo não sentia nada de dor, além do vazio aberto. Ao chegar em casa depois da praia, Joel se trancou no banheiro e ficou se olhando no espelho. Observou os poros de quem já teve muita espinha. Notou também as pálpebras levemente caídas e sentiu o resto de areia no pé. No ônibus, voltando para casa, na madrugada, já em frente às Lojas Americanas da Dias da Cruz, Joel se lembrou do banho naquela mesma tarde. Na decisão de começar a fumar. Imediatamente apertou o bolso e sentiu a presença de seu primeiro maço de cigarro. Não havia gostado propriamente do sabor, mas do movimento. Um cansaço incontrolável se abateu sobre seus ombros e Joel adormeceu por dois minutos.

Ao abrir os olhos, consultou o relógio do celular e percebeu que só teria três horas de sono quando chegasse em casa. Olhou pela janela e o ritmo suicida do motorista continuava. Pensou que aquela parte interna do Méier era desconhecida até para ele, que morava por ali desde que nascera. As casas eram bonitas, mas não sabia exatamente como sair dali sem ônibus. Pensava o mesmo sobre sua vida naquele momento. Sabia que a partida de seu pai era uma possibilidade real. Na verdade, sabia que ela aconteceria de qualquer maneira, que sua mãe na verdade queria aquilo há anos, não era possível! Viu então a estação do Engenho de Dentro, enorme, escura, melancólica, pensou. Gostava de pensar nessa palavra. Ela parecia capaz de dar profundidade ao nada que sentia.

Levantou cambaleando. Puxou a corda. Desceu, sentindo seu joelho doer um pouco. Atravessou a rua e olhou o posto escuro. Lembrou quando tinha voltado de madrugada com Joana e a tinha encostado naquela parede do lava-rápido. Era uma cena excitante de se lembrar, mas foi muito sem graça quando vivida. Joana era bem sexy, mas sua postura muito ativa no flerte o incomodou e o tesão foi diminuindo. Olhou para a esquina e resolveu dar um pique para chegar logo em casa. Virou em sua rua e começou a olhar para as imperfeições da calçada enquanto corria. Queria ser engenheiro só por uma calçada melhor, mas fazer aquilo todo dia o aterrorizava. Avistou os arcos do Engenhão. Gostava de lembrar que estava perto de muitos jogos de futebol. Gostava de seu portão e entrou devagar, para não fazer o portão ranger. Abriu a porta

da frente e passou pela sala escura. Sentiu seu cansaço triplicar por causa da atmosfera da casa. Subiu as escadas de dois em dois e chegou em seu quarto. Tirou a roupa rapidamente, ficou só de cueca e foi tomar um copo de água antes de desabar. Passou pelo corredor e ouviu uma voz: "Joel?". Aquele som arrastado e tedioso arrebetou a represa interna de ódio que Joel tinha dentro de si. Respondeu com uma voz rancorosa: "Arrã!". Não houve resposta. Joel então pensou que talvez ela estivesse indisposta. Pensou também que os comprimidos estavam acabando. Pensou por último que infelizmente depressão não mata. Lembrou de quando viu *Fargo* em uma sessão especial e desejou um machado. Besteira. Queria apenas dormir, fazer o tempo passar, escolher uma profissão e fugir dali.

Capítulo 2

Depois de ter acordado atrasado, ter perdido os dois primeiros tempos de Geografia e de sentir tudo doer no corpo, Joel entrou em sala, encaminhou-se para o lado oposto ao da porta e colocou sua leve mochila em cima da mesa. Procurou Leo e tomou um susto com os braços grandes em seu pescoço.

– Rapaz, sua cara está péssima. Por que tu não me atendeu?

– Eu já te falei 300 vezes que estou sem internet fora de casa e, mesmo que tivesse algo, ontem eu não estava a fim de ver esses cornos horrorosos.

– Que delícia, Manolo. O que houve?

– Meu pai finalmente saiu de casa, minha mãe está na mesma e eu ainda não tenho a menor ideia do que eu faço da vida.

– Cara, você tem que aprender com o mestre: um problema de cada vez.

O professor de Matemática entrou com o passo rápido em sala, deixou sua pasta em cima da mesa, desculpou-se pelo atraso e foi direto para o quadro. Após recomeçar a matéria de funções com uma introdução rápida, o professor passou quatro exercícios de construção de gráficos e se sentou para corrigir os testes que havia aplicado na semana passada. Joel percebeu que seria daquelas aulas em que o professor olha para o relógio mais do que o aluno e decidiu acabar logo o exercício para voltar a olhar o cabelo gosmento de Leo, porque, naquele dia, parecia que ele estava de bom humor. Desenhou os quatro gráficos com certa facilidade e percebeu que o professor nem tinha se dado ao trabalho de elaborar melhor o exercício. Aquilo o irritou um pouco, mas resolveu também não perder tempo e se virou:

– Fala, mongoloide.

– Rapaz, sabe a Caloura, aquela que chegou há pouco tempo? Então, ontem barbarizou na Lapa com o Nelsinho. Ele diz que fez um estrago.

– Eu a vi. Fui lá ontem. Nem reparei no Nelsinho.

– Tu foi lá ontem? Com quem, Manolo?

– Só para lembrar que Manolo é o filho da sua avó com o seu pai. Fui sozinho para não ter que ouvir «Manolo» a noite inteira.

– Você está uma delícia de amizade hoje, hein? Mas Nelsinho ficou fascinado com o corpo dela. Ele falou disso durante meia hora hoje.

Imediatamente Joel lembrou que os dois últimos tempos eram de Educação Física, que era realizada em conjunto com os alunos do 1º ano. Lembrou dos micro-shorts das meninas e ficou quase ansioso para analisar a Caloura. Olhou para o professor e reparou que agora ele estava lendo *Marley e eu*. Achou a cena patética demais e decidiu que professor ele não seria, e professor de Matemática nem se pagassem. Voltou a olhar para Leo e teve quase raiva da leveza de seu semblante. Com uma vida tranquila, com pais relativamente atenciosos e presentes, tudo parecia mais fácil para o amigo, que não tinha grandes questões: acordava com facilidade e dormia do mesmo jeito. Pensou, então, que era pelo tipo de sono que seria possível definir o nível de problemas das pessoas.

– Cara, Nelsinho também tem uma boca de caçapa do demônio. Fala demais. É um arroz de festa que valoriza demais quando simplesmente encosta em alguém. É um seco.

– Manolo, você tá a fina flor da agressividade. Metáfora debochada com amigo era o que faltava. Estou orgulhoso.

– Exagerei. Mas esse cara é um otário.

– É. O vídeo que ele vazou da Sofia foi ridículo.

– Ela deu mole, mas ele foi um mega otário na situação. Gravou ainda só a calcinha. Muito arroz.